

Uma leitura do feminismo negro descolonial em *Vaga carne*, de Grace Passô

Una lectura del feminismo negro descolonial en Vaga carne, por Grace Passô

Carolina Montebelo Barcelos¹

Resumo

O objetivo deste estudo é analisar a peça teatral *Vaga carne*, de Grace Passô, sob a perspectiva do feminismo descolonial negro. Apesar do foco ser no texto dramático, serão cotejados a encenação da peça e seu curta-metragem. A escrita dramática de Grace Passô está inserida no contexto do teatro contemporâneo de estrutura fragmentada, de um desejo de se falar do real, embora não necessariamente por meio de elementos do teatro realista, além da presença performativa do corpo no foco da ação. Grace Passô não só escreveu *Vaga carne*, como foi a atriz deste solo, tanto no teatro quanto no filme. Atriz e dramaturga negra, Grace é representante do que Marcos Antônio Alexandre conceitua como teatro negro, sendo a negritude não só objeto da escrita como sujeito também, o que vai ao encontro da noção de *lugar de fala*, conforme explicado por Djamila Ribeiro. Sua escrita tem muito de sua vivência como mulher negra na sociedade racista e patriarcal, o que nos leva ao conceito de *escrevivências* conforme postulado por Conceição Evaristo. Além de abordar a questão relativa ao negro, a dramaturga também ensaja uma escrita feminista, e ambos serão examinados neste estudo. Para fins de aporte teórico, são utilizados artigos de Walter Dignolo sobre descolonialidade e de María Lugones, Lélia Gonzalez e Ochi Curriel sobre feminismo negro e descolonial.

Palavras-chave: Artes cênicas; descolonialidade; *escrevivências*; feminismo negro; Grace Passô.

Resumen

El objetivo de este estudio es analizar la pieza teatral *Vaga carne*, de Grace Passô, desde la perspectiva del feminismo descolonial negro. Aunque el foco esté en el texto dramático, se comparará la pieza puesta en escena y su cortometraje. La escritura dramática de Grace Passô se inserta en el contexto del teatro contemporáneo con una estructura fragmentada, un deseo de hablar de lo real, aunque no necesariamente a través de elementos del teatro realista, además de la presencia performativa del cuerpo en el foco de la acción. Grace Passô no solo escribió *Vaga carne*, sino también fue la actriz de este solo, tanto en el teatro como en la película. Actriz e dramaturga negra, Grace es representativa de lo que Marcos Antônio Alexandre conceptualiza como teatro negro, siendo la negritud no solo un objeto de escritura sino también un sujeto, lo que va al encuentro de la noción de lugar de discurso, como Djamila Ribeiro explicó. Su escritura tiene mucho de su experiencia como mujer negra en una sociedad racista y patriarcal, lo que nos lleva al concepto de *escrevivências* según postulado por Conceição Evaristo. Además de abordar el tema relativo a el negro, la dramaturga también ensaja una escritura feminista, y ambos serán examinados en este estudio. Para fines teóricos, se utilizan artículos de Walter Dignolo sobre descolonialidad y de María Lugones, Lélia Gonzalez y Ochi Curriel sobre feminismo negro y descolonial.

Palabras clave: Artes escénicas; descolonialidad; *escrevivências*; feminismo negro; Grace Passô.

1. Introdução

¹ Doutora em Literatura, Cultura e Contemporaneidade; PUC-Rio; Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; carolinambarcelos@hotmail.com.

Estudo realizado pelo departamento de Letras da UNB revela que de todos os romances publicados nos últimos quinze anos pelas principais editoras do Brasil, as autoras perfazem um total de menos de 30% dos autores. O baixo número também se aplica a protagonistas e narradoras (DALCASTAGNÈ, 2007, p. 128). A crítica literária e professora Regina Dalcastagnè, uma das coordenadoras de tal pesquisa, ainda assinala que também são poucos os autores, personagens e narradores negros nessas publicações (DALCASTAGNÉ, 2008, p. 87). Quando se trata de mulheres negras, então, tanto em relação à autoria quanto a sua representatividade, esse número é ainda mais limitado, o que faz com que haja, como ela assevera, “a inviabilização de grupos sociais inteiros e o silenciamento de inúmeras perspectivas sociais” (DALCASTAGNÈ, 2008, p. 89).

Embora não exista ainda uma pesquisa quantitativa, como essa da UNB, a respeito de dramaturgas negras, podemos inferir que o caso seja parecido com o que ocorre no romance. Além disso, como afirma Marcos Antônio Alexandre, pesquisador do teatro negro, este teatro ainda é pouco estudado no Brasil e isso ocorre, segundo ele, “Por questões distintas – mercado editorial, divulgação, formação de público leitor etc.” (ALEXANDRE, 2017, p. 31). O pesquisador ainda assinala que “é de conhecimento de muitos que ainda há poucas publicações de peças que apresentam a temática negra como referência e se sabe que o escasso material existente tem circulação restrita a espaços específicos” (ALEXANDRE, 2017, p. 31).

Desse modo, o objeto deste estudo é a peça *Vaga carne*, de Grace Passô, publicada pela Editora Javali em 2018, encenada em diversos teatros do país desde 2016 e transformada em média-metragem neste ano de 2020. Devido ao ativismo feminista negro da dramaturga e atriz, que pode ser identificado em *Vaga carne*, embora não nomeado, o nosso objetivo aqui é realizar uma leitura do feminismo negro na peça em uma perspectiva do feminismo negro descolonial. Para fins de aporte teórico, são utilizados artigos de Walter Dignolo sobre descolonialidade e de María Lugones, Lélia Gonzalez e Ochi Curiel sobre feminismo negro e descolonial.

Apesar do foco estar na peça escrita, serão cotejados também sua encenação (no Espaço SESC em 2018) e o curta-metragem derivado dela. Um dos principais motivos disto é que, na peça, só sabemos que o personagem é uma mulher negra no final; já na peça e no média-metragem, é a própria Grace a protagonista, então sabemos desde o início que o corpo de que trata a peça é de uma mulher negra. Além disso, o tema central da peça é o corpo da mulher em busca de uma identidade, e a peça e o média-metragem trazem materialidade a esse corpo que, no texto, é uma ideia.

2. O feminismo negro descolonial em *Vaga Carne*

A escrita dramaturgical de Grace Passô está inserida no contexto do teatro contemporâneo de estrutura fragmentada, de um desejo de se falar do real, embora não necessariamente por meio de elementos do teatro realista, além da presença performativa do corpo no foco da ação.

Por vezes a personagem se dirige à plateia, o que mostra a quebra de ilusão da chamada quarta parede do teatro naturalista e a procura de presentificar a ação e trazê-la para o plano do real. Outros elementos da escrita dramaturgical contemporânea também estão presentes, como o texto e falas fragmentadas, longas pausas – no texto essas pausas são reveladas por uma página quase toda em branco - seguidas de frases curtas e longos monólogos. Quem impõe esse ritmo é a personagem “voz”. Na peça, a voz é uma personagem, e o corpo da atriz, no caso,

Grace Passô, é o cenário. A voz que invade qualquer matéria sólida ou líquida agora invade esse corpo-cenário, que vai ganhando uma identidade através dela.

Esse corpo, em busca de uma identidade social, revelará como é ser uma mulher e negra em uma sociedade racista e patriarcal. Trata-se, portanto, da representação no teatro da reflexão de Grace Passô sobre sua dramaturgia:

É claro que sou resultado, obviamente, de um feminismo negro, que se coloca na minha vida hoje como não existia antes. [...] A minha existência, o que significo na sociedade, isso é de uma tentativa de marginalização tão grande na nossa história social que não tem como eu não lidar diretamente, no meu trabalho, com questões como a minha negritude. [...] Não tem como ser uma artista negra brasileira no teatro brasileiro e essa não ser a questão meu trabalho. (DIEGUES; AZEVEDO; ABREU, 2019, p. 108).

Ao refletir sobre o conceito de teatro negro, Alexandre ressalta que “tratam-se dos textos dramáticos em que os negros, a sua cultura e a sua visão ideológica do (e para o) mundo aparecem como temática central e como agentes” (2017, p. 28-29). Ou seja, não basta haver um personagem negro, mesmo que protagonista, para se tratar de teatro negro, se sua cultura e visão ideológica não são centrais na peça, assim como também não basta o autor ser negro se sua negritude não é imprimida nos seus textos. Desse modo, ainda segundo Alexandre,

[...] o teatro negro não só retrata as especificidades dos sujeitos negros e sua integração na sociedade, mas também se retroalimenta dos elementos que compõem e integram a cultura dos afrodescendentes em suas manifestações artístico-performáticas: danças, músicas, jogos, linguagem, mitos, religião e ritos, pois o teatro negro é ritualístico. [...] o mesmo deve retratar os contextos e lugares de enunciação. Aos quais os negros se viram e ainda se veem representados e/ou subjugados em nossas sociedades. [...] o teatro negro deve representar o ponto de vista interno, ou seja, espera-se que o negro, a sua cultura e as suas problemáticas sejam representadas nos textos dramáticos e nas propostas espetaculares concebidos como teatro negro (2017, p. 34).

Pelos fatores já expostos a respeito da peça, torna-se relevante realizar uma leitura de *Vaga carne* a partir da noção de feminismo negro descolonial. Em relação às propostas descoloniais, a antropóloga afro-dominicana Ochy Curiel explica que elas “questionam as narrativas da historiografia oficial e mostram como se configuram as hierarquias sociais”. (CURIEL, 2020, p. 121). Assim, Curiel ressalta que o feminismo descolonial evoca uma análise das relações de raça, sexo, sexualidade, classe e geopolítica. Tal feminismo teve início, segundo a antropóloga, com feministas indígenas, afrodescendentes, populares e lésbicas.

O conceito de feminismo descolonial foi proposto pela ativista feminista argentina María Lugones (2014) a partir de seu entendimento de que “o gênero é uma imposição colonial” (2014, p. 939) e a colonialidade de gênero é um exercício de poder. Assim, Lugones afirma que “a tarefa da feminista descolonial inicia-se com ela vendo a diferença colonial e enfaticamente resistindo ao seu próprio hábito epistemológico de apagá-la” (LUGONES, 2014, p. 940).

Em *Vaga carne*, o corpo negro que ganha uma identidade social através da voz – pois antes disso a esse corpo negro não era escutado - que nele passa a habitar é o mesmo corpo negro sujeito ao olhar do outro, olhar machista e também racista.

3. Conclusões

A dramaturgia de Grace Passô tangencia o que Marcos Antônio Alexandre conceitua como teatro negro, ou seja, a negritude não só objeto da escrita como sujeito também. Isso vai ao encontro da importância da noção de *lugar de fala* na política, na filosofia, na literatura e nas artes, a fim de romper com o discurso masculino branco e heterossexual do patriarcado. Conforme explicado por Djamila Ribeiro, *lugar de fala* é o lugar social onde os discursos são proferidos, já que o lugar social dá ao indivíduo experiência e possibilidades diferentes, ampliando ou reduzindo oportunidades.

A escrita de Passô tem muito de sua vivência como mulher negra na sociedade racista e patriarcal, o que nos leva ao conceito de *escrevivências* conforme postulado por Conceição Evaristo (2017), ou seja, essa justaposição das palavras *escrever* e *vivências* mostra uma escrita carregada da subjetividade e experiências de quem escreve. Assim como em Evaristo, na dramaturgia de Grace Passô vemos a abordagem da questão da mulher e da mulher negra nos personagens. E esse tratamento se dá, conforme leitura deste estudo, por meio de elementos do feminismo decolonial negro, o que ocorre não apenas em *Vaga carne*, mas em outras peças da dramaturgia, como *Mata teu pai*, cuja protagonista, uma releitura de Medeia, não pretende matar a então esposa de seu ex-marido, mas sim matá-lo. Além disso, a esposa do seu ex-marido, ao contrário daquela do mito grego, não é filha do rei, mas um mulher negra, ex-empregada doméstica, eleita prefeita. Também a questão do feminismo negro está presente na peça *Preto*, inclusive em uma personagem negra e lésbica, que também denuncia a violência do patriarcado e o racismo.

Referências

ALEXANDRE, Marcos Antônio. *O teatro negro*. In: _____. *O teatro negro em perspectiva: dramaturgia e cena negra no Brasil e em Cuba*. Rio de Janeiro: Malê, 2017. p. 27 – 36. (Capítulo de livro).

ALVES JR., Ricardo (dir.). *Vaga carne*. Com Grace Passô. Embaúba filmes. 2020. Disponível para alugar em: <https://embaubafilmes.com.br/locadora/vaga-carne/>. (Filme em média metragem).

CURIEL, Ochi. *Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial*. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020. p. 121 – 138. (Capítulo de livro)

DALCASTAGNÈ, Regina. *Imagens da mulher na narrativa brasileira. O eixo e a roda*, UFMG, v. 15, p. 127 – 135, 2007. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/3267. Acesso em 3 de agosto de 2020. (Artigo em periódico digital)

DALCASTAGNÈ, Regina. *Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. Estudos de literatura brasileira contemporânea*, UNB, n. 31, p. 87 - 110, 2008. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9434>. Acesso em: 3 de agosto de 2020.

DIEGUES, Isabel; AZEVEDO; José Fernando Peixoto de; ABREU, Kil (orgs.). *Grace Passô*. In: _____. Maratona de dramaturgia. Rio de Janeiro: Cobogó; Edições SESC: São Paulo, 2019. p. 103 – 116. (Capítulo de livro)

EVARISTO, Conceição. *Da construção de becos*. In: EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017. p. 9 – 12. (Capítulo de livro)

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020. p. 38 – 51. (Capítulo de livro)

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935 - 952, set./dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755/28577>. Acesso em: 4 de agosto de 2020. (Artigo em periódico digital)

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. *Epistemologias do sul*, Foz do Iguaçu, v. 1, n. 1, p. 12 – 32, p. 2017. (Artigo em periódico digital)

_____. Desobediência epistêmica: a opção decolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF*, Niterói, n. 34, p. 287 – 324, 2008. Disponível em: <http://www.cadernosdeletras.uff.br/joomla/images/stories/edicoes/34/traducao.pdf>. Acesso em: 6 de agosto de 2020. (Artigo em periódico digital)

PASSÔ, Grace; DIAS, Kenia; NAIRA, Nadja; ALVES JR., Ricardo (criação). *Vaga carne*. Com Grace Passô. Espaço SESC, 2016. (Peça teatral).

PASSÔ, Grace. *Vaga carne*. Belo Horizonte: Editora Javali, 2018a. (Obra completa)

_____. *Mata teu pai*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2018b. (Obra completa)

PASSÔ, Grace; ABREU, Marcio; NAIRA, Nadja. *Preto*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. (Obra completa)

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017. (Obra completa)

_____. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018. (Obra completa)